

## IMPLICAÇÕES SOBRE DOCÊNCIA E SUA COMPLEXIDADE<sup>1</sup>

Hérica dos Santos Matos<sup>2</sup>  
[hericam1000@hotmail.com](mailto:hericam1000@hotmail.com)

Fernanda dos Santos Matos<sup>3</sup>  
[nandamatosn1@yahoo.com.br](mailto:nandamatosn1@yahoo.com.br)

Susanne Macedo Reikdal<sup>4</sup>  
[susanne.reikdal@gmail.com](mailto:susanne.reikdal@gmail.com)

### INTRODUÇÃO

Começaremos este texto historiando que essa iniciativa partiu da nossa participação no projeto Formação Permanente: Formação de Professor do Ensino Básico pela Pesquisa e Fabrico de Novas Tecnologias Didáticas e Pedagógicas (acerca da Matemática e das Ciências Naturais), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Veleida Anahi da Silva<sup>4</sup>, na cidade de São Cristóvão/SE, no qual entre as demandas estiveram à construção de um projeto de pesquisa educacional e a apresentação dos resultados da pesquisa através de relatório. Além disso, produzimos recursos pedagógicos através do fabrico de novas tecnologias como instrumentos didáticos testados nas nossas salas de aula, como jogos de matemática, de ciências a partir dos resultados da pesquisa desenvolvida.

Então, em nosso projeto, optamos por pesquisar sobre a opinião dos professores acerca do que é ser um bom professor. Isso porque existe o mito de que saber Matemática e Ciências é habilidade de “gênios”. Dessa forma, entender primeiro essa questão foi importante para o projeto, visto que focalizou a formação continuada de professores com ênfase em Matemática e Ciências. Afinal, são os professores que mobilizam os alunos, que se interessam pela área educacional e, portanto, que escolhem a disciplina que lecionarão.

Atualmente, ser professor é uma tarefa complexa; para esse profissional, existem desafios todos os dias. Como ajudar o aluno a pensar, a pesquisar, a refletir sobre sua pesquisa e a construir conhecimento? Como fazer o aluno perceber o mundo a sua volta, ajudando-o a atuar de maneira correta e ética em um país onde é posta em cheque a idoneidade da maioria dos nossos governantes?

É bem verdade que o educador de hoje precisa estar atento às mudanças, pois elas estão requisitando dele atualização constante, conhecimento, flexibilidade, organização, rapidez, dentre outras exigências.

Assim, Perrenoud (1993) nos fala da docência como uma profissão relacional complexa, em que a pessoa inteira é mobilizada. A cada momento ou em cada ação desencadeada, conhecimento e afetos são mobilizados e mudanças ocorrem, de parte a parte, nos sujeitos envolvidos na relação. Ele nos lembra da sala da aula como o lugar da multiplicidade, do imprevisto, das interações simultâneas e (aparentemente) desconexas, das decisões tomadas a cada minuto, pelo professor e pelos alunos, na presença de desafios, alegrias, angustias, desejos, poderes, gostos e desgostos, preconceitos e aspirações (PERRENOUD, p. 150).

A profissão de professor deve adquirir uma nova identidade, trabalhando e envolvendo as abordagens humanista, cognitivista e sociocultural, atrelando-as e visando o melhor de cada uma delas. Sua didática deve possuir dimensões política, técnica e, acima de tudo, humana. E avaliar deve servir para cada vez mais permitir a cada um aprender, e não julgar ou classificar. Charlot (2006) acrescenta que “o que faz o aluno aprender é sua própria atividade intelectual, não a do mestre. O trabalho do educador é despertar e promover essa atividade. É assim, sempre foi e sempre será em qualquer sociedade e época.”

Entender o processo de formação do professor, ou entender quais os elementos que o fazem mover-se num percurso contínuo de formação, é de suma importância para que os formadores possam organizar ações que possibilitem o acompanhamento e a avaliação das ações formadoras. Nesse contínuo de formação, não é possível identificar um ponto zero, e, se ele existir, é certamente o momento em que o sujeito nasce. Do mesmo modo, não é possível identificar o ponto final de formação, pois o sujeito continua a ensinar até o fim de sua existência. Porém, é possível identificarmos condições desencadeadoras da formação, em que tempo estamos considerando essa formação, em que lugar e quais as ações empreendidas para mobilizar o educador no processo de mudança qualitativa no contínuo de sua formação (MOURA, 2003, p. 142-143).

Buscar respostas para questões relacionadas à formação de professores e sua atuação é sempre instigante. Portanto, com este trabalho, objetivamos refletir sobre o que é ser um bom professor analisando as respostas dos próprios educadores sobre o assunto e, além disso,

entendendo que ser um bom professor não é apenas saber o conteúdo e passá-lo de modo claro. Um bom professor além de possuir boa cultura acadêmica e transmitir com segurança e eloquência as informações em sala de aula procura conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. “Cada aluno não é mais um número em sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares.” (CURRY, 2003, p.57.) Consideramos que ser um bom professor é, sobretudo, saber levar o aluno a pensar, criar, a participar das aulas; é, também, ter responsabilidade e competência pedagógica. Para Charlot (2006) uma das principais competências que se espera de um profissional da Educação é a capacidade de se relacionar.

(CHARLOT, 2005, p. 77) completa dizendo que:

É o mestre que tem o saber e o poder, mas é o aluno que detém a chave última do sucesso ou do fracasso do ato pedagógico, e essa situação desenvolve no professor atitudes vitimárias e discursos acusatórios. “o professor se sente profissionalmente vítima da ausência de mobilização intelectual do aluno

Nessa profissão, é necessário ter uma constante formação e possuir um conjunto de competências adquiridas. Tais aspectos foram apresentados pelos professores ao longo do estudo e refletem o significado ser bom professor.

## **PROBLEMAS ENFRENTADOS**

É impossível falar de educação e escola sem falar do professor; e, considerando que não existiriam profissionais das diversas áreas se não existisse o educador, percebemos que a docência é de fundamental importância para a sociedade. Pois apesar das dificuldades encontradas pelos professores, estes são insubstituíveis, visto que a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos. (CURRY, 2003, p. 65.)

O grande problema que o aflige é a desvalorização. Esta começa com a questão salarial. Sempre tão discutida, é um problema que leva o professor a assoberbar-se de trabalho para garantir sua sobrevivência. Muitas vezes já ouvimos pessoas falarem: “É Professor? Coitado, vai morrer de fome!”

Frase um tanto exagerada, mas com um fundo de verdade, pois um professor brasileiro precisa de muitas horas de trabalho para conseguir um salário digno, em dois ou até mesmo três turnos, sem contar com o material que é levado para casa. Será que alguém que não tem tempo para descansar a mente e o corpo consegue verdadeiramente ser bom no que faz? O professor precisa possuir um salário digno, fixar-se em uma escola dedicando a ela o melhor de sua atividade profissional.

## **A FORMAÇÃO**

Ensinar é uma profissão difícil, na qual nada é estável: cada nova turma é uma incógnita, cada aluno em dificuldade é um enigma, cada ano letivo é uma aventura que só se revela às vésperas das férias de verão. Isso acontece mesmo nas pedagogias frontais mais tradicionais. A rotina didática não garante a definição e o respeito do contrato pedagógico. É claro que os professores experientes não estão constantemente à beira do abismo. Mas quantos podem vangloriar-se de estar sempre tranquilos? De saber de antemão que não acontecerá nada ou que poderão enfrentar todo tipo de situações? (PERRENOUD, 2001, p. 130).

Para os nossos alunos atuais, o Bom Professor é aquele que domina o conteúdo, escolhe formas adequadas de apresentar a matéria e tem bom relacionamento com o grupo. (CUNHA, 1997, p. 72).

Esclarece Charlot (2005, p.69) que:

Conforme os alunos, a primeira qualidade do professor é explicar, sem insultar o aluno, explicar de novo, com palavras novas, até que todos entendam. Pois na lógica do aluno, se o professor explicar bem e se o aluno escutar bem, o aluno vai saber.

Mas para ser realmente bom, o professor precisa ser muito mais que isso, pois sua formação ocorre ao longo de sua carreira profissional e sua formação inicial é uma primeira etapa e ser obtida.

Kullok (2000, p. 43) ilustra que:

O professor deve ser capaz de adaptar-se às mudanças, de trabalhar com a criatividade, com o novo, com as novas tecnologias, com os valores humanos, com a incerteza, com a reflexão. Portanto, o professor que precisamos é alguém, que faça uso da reflexão como uma forma de ação. Não uma reflexão pura e simples,

mas a reflexão na e sobre a ação numa visão investigativa, de busca de uma ampliação do saber e do conhecimento, construindo, de fato este conhecimento.

Ao interagir com outros sujeitos, ao ter que organizar as suas ações pedagógicas, ele vai adquirindo novas qualidades que nos permitem afirmar que há um movimento na sua formação que vai de um ponto de menor qualidade a outro de maior qualidade no que poderíamos chamar de escala de formação. Não é possível definir qual o grau de formação do professor em determinado tempo, ou para determinada ação. Mas é possível afirmar que os professores vão adquirindo, cada vez mais, capacidade de lidar com o seu objeto. Podemos dizer que o professor percorre um caminho em sua formação que vai de um ponto de menor entendimento do seu objeto a outro de maior entendimento. (MOURA, 2003, p.142)

É fato que a atual sociedade é bastante complexa, e nesse contexto o professor deve ser um mediador do conhecimento com diversas competências, talento pedagógico e ética. Não se pode esquecer que o educador é o formador do futuro médico, advogado, professor, político, entre outros. Os professores são poucos compatíveis com a idéia de que os seres humanos nascem todos disponíveis à educação e que o saber é para todos. Como ensinar em uma turma que tem que ser aceito alunos que não possuem o nível mínimo exigido para acompanhar o ensino? (CHARLOT, 2005, p. 83) Para que o país se desenvolva com mais justiça, igualdade, menos violência, com pessoas menos gananciosas e mais humanas, é necessário que a criança aprenda a ser justa na escola através de pequenas atitudes, começando por saber respeitar os coleguinhas. O bom professor tem a consciência de que a educação é um processo contínuo de formação do ser humano integral, e tem como eixo norteador a vida-experiência e a aprendizagem. É importante ressaltar que o bom educador deve ter conhecimento que a lógica do aluno do meio popular é diferente da lógica dele e da escola. “É por isso que esse trabalho é, ao mesmo tempo, difícil e apaixonante. O professor deve construir a função aluno na criança, pois ela não vem pronta de casa. Há professores que buscam motivações externas para motivar um aluno, mas isso pode criar um outro sentido(...) O importante não é criar motivação, mas mobilização. E esta é interna e supõe o desejo do próprio aluno. O professor carrega nos seus ombros o patrimônio da humanidade. O problema é transmitir isso para o aluno. É essa transmissão que permite ao aluno se tornar um ser humano, se tornar um adulto.”(CHARLOT, 2003) O professor também sabe que a escola tem a função de produzir um espaço democrático onde a diversidade e a pluralidade sejam

respeitadas, aproveitando a integração dessas diferenças para obter um ambiente de produção coletiva de respeito e de singularidade.

Assim, Placco (2008) explica que:

Existe uma necessidade de que os formadores e formandos levem em conta, nos processos formativos, as seguintes dimensões: técnica ou técnico-ci-entífica; humano-interacional; política; da formação continuada; do trabalho coletivo; dos saberes para ensinar; crítico-reflexiva; avaliativa; estética; cultural e ética. Uma delas - a dimensão ética - atravessa todas as outras, envolvendo valores, atitudes, compromissos, desejos, intencionalidades e ações. ( p.189)

É importante também incorporar práticas de pesquisa à formação e ao cotidiano do docente, com o intuito de aperfeiçoar a ação educativa e no sentido de inovar através de técnicas e práticas eficazes, para que educador e educando estejam sempre se qualificando. Sem contar que pesquisar desperta e motiva atitude de questionamento, de criatividade via manifestação lúdica e curiosidade crítica.

Dessa forma, Cunha (1997, p. 170) entende que a pesquisa que o professor realiza com os alunos e o incentivo que ele faz para que os alunos produzam conhecimento constituem uma alternativa confiável para fazer progredir a idéia de uma educação dialógica, na qual o aluno é o principal sujeito da aprendizagem. Nesse sentido, estaríamos partindo de um novo paradigma de ensino, aquele que procura produzir um conhecimento divergente e formas alternativas de utilizar o conhecimento existente. Se isto fosse uma constante nos cursos de formação de professores, já se teriam experiências no cotidiano do futuro professor que garantiriam a absorção de práticas assim.

O bom professor deve estar atento à participação no projeto pedagógico da escola, buscar e compreender criticamente as causas da existência de problemas, conhecer a realidade escolar, propor alternativas coletivamente, ser sujeito da história, participando do processo histórico e social, e levar seus alunos a fazer o mesmo.

Como já foi bastante enfatizada a importância da atualização por parte dos docentes, não podemos esquecer a questão que trata da sua “alfabetização tecnológica”. Sabemos que o papel do educador já não é mais de transmissor de conhecimento, mesmo porque informação o aluno pode conseguir com alguns dos diversos aparatos tecnológicos da atualidade. Sendo assim, o professor precisa também dominar a utilização pedagógica das novas tecnologias, de forma que elas facilitem a aprendizagem, sejam objeto de conhecimento a ser democratizado

e instrumento para a construção de conhecimento. No Brasil, o Governo tem implantado projetos de informatização escolar, e é evidente que esses projetos só alcançarão sucesso se houver professores capacitados para conduzir as atividades. Se não for dessa forma o equipamento sozinho, ao invés de ajudar, poderá até atrapalhar ainda mais a educação do país.

Ensinar é fazer parte de um sistema e trabalhar em diversos níveis. Durante muito tempo, a cultura individualista dos professores incitou-os a considerar que seu ambiente começava na porta da sala de aula. Todavia, a complexidade atual obriga a tratá-los como membros de um grupo com um papel coletivo e a questionar seus hábitos e suas competências no espaço da equipe, do estabelecimento de ensino e da coletividade local, bem como no espaço propriamente pedagógico e didático. A organização da escolaridade em ciclos de aprendizagem e a emergência de outros dispositivos que enfraquecem o esquema fechado da classe também sugerem que os espaços didático e pedagógico sejam mais vastos que o face a face entre um professor e seus alunos (PERRENOUD, 2001, p. 57).

Ainda, segundo Perrenoud (2001, p. 78), ensinar é sobretudo:

- pretender saber mais que os alunos e seus pais, mesmo pressentindo que essa superioridade possa ter suas falhas;
- administrar com justiça e, portanto, poder contestar e ser contestável em nome da igualdade;
- exercer um poder e instituir uma lei e, portanto, enfrentar resistências abertas ou latentes das quais nem sempre se tem certeza de poder controlar;
- sancionar algumas condutas e, portanto, assumir o risco de cometer pequenos ou grandes erros de justiça;
- trabalhar com pessoas complexas, que não entendem plenamente o que é feito com elas, buscar autocontrole no caso de reações desproporcionais ou decisões tomadas levianamente;
- pensar muitas vezes em seus próprios limites, incertezas ou crises de identidade;
- ser exposto todos os dias ao olhar dos alunos e, através deles, ao dos pais e, portanto, ser julgado sem poder sempre se explicar;

- ser, de vez em quando, desestabilizado por acontecimentos imprevisíveis e ser desnudado por seus colegas ou alunos;
- assumir, às vezes, relações intersubjetivas de alto risco;
- ser julgado pelos colegas e pela hierarquia, muitas vezes sem indulgência, com base em indicadores bastante fragmentários;
- viver dilemas, casos de consciência nos quais ninguém tem certeza de que vai poder se orgulhar de si mesmo;
- enfrentar um grupo que pode tornar-se um ator coletivo, capaz de organizar um tumulto ou uma coleção anômica de pessoas ingovernáveis.

Também é imprescindível que o professor possua uma boa didática, com a consciência de que a avaliação deve ser feita todos os dias, continuamente, através de trabalhos de grupo, discussões, dinâmicas, pois a mesma deve ajudar na aprendizagem, descobrindo problemas e encontrando soluções, e não para julgar e classificar os alunos. Sabemos que há alguns anos, acreditava-se que, quando o aluno não aprendia, ele mesmo era o culpado. Hoje, sabemos que, quando uma turma vai mal, a culpa não é dos alunos, mas sim do processo didático-pedagógico e da metodologia do professor.

Assim, segundo Charlot (2005), para muitos alunos está a idéia de que aquele que é ativo no ato de ensino e aprendizagem é o professor, e não o aluno. O aluno deve ir regularmente a escola, ouvir o professor, etc. Com isso ele realizou o seu dever como aluno, e o que vir acontecer a partir daí depende exclusivamente do professor. Se o aluno não aprende, mesmo tendo escutado o professor, o problema é totalmente do professor, pois ele não soube explicar o assunto. Visto que ao ver do aluno, é inaceitável que ele tenha uma nota ruim e não seja aprovado, pois isso não seria culpa dele, mas sim do professor.

Ainda, segundo (CHARLOT, 2005)

A ideia de que o saber é o resultado da atividade intelectual do próprio aluno perdeu sua evidência em muitas escolas.(...) a situação de ensino não tem mais o mesmo sentido para o aluno e para o professor, e para ambos ela chega ao absurdo (p. 83-84)

O estudo em questão foi realizado em três etapas. Inicialmente, procedemos à pesquisa bibliográfica baseada em diversos estudiosos sobre o assunto, os quais nos ajudaram muito a ampliar os conhecimentos, definindo melhor o nosso objetivo e o tema estudado. Em seguida, utilizamos 40 questionários, como forma de coleta de dados, aplicados a professores de vários níveis de ensino. E, por último, finalizamos nossa pesquisa com apuração e análise dos dados obtidos por meios dos questionários. A pesquisa pretendeu desenvolver um trabalho reflexivo, através do qual compreendemos melhor a complexidade da profissão docente.

Os resultados da coleta de dados do presente estudo prosseguiram com análise quantitativa dos entrevistados – quarenta (40) professores de ambos os sexos, atuantes em áreas variantes que vão do pré-escolar ao ensino médio – com apenas uma pergunta: “Para você, o que é ser um bom professor?”

Chegamos aos seguintes resultados:

**Quadro quantitativo de distribuição dos professores entrevistados de acordo com eixo, sexo e níveis de ensino.**

<b>QUADRO QUANTITATIVO</b>								
<b>Categorização</b>	<b>Divisão por Eixo</b>	<b>SEXO</b>			<b>NÍVEIS DE ENSINO</b>			
		Mascul.	Femin.	Não Inform.	E. Fund.	E. Méd.	Pré-Esco.	Ensi. Poliv
P 1	5	1	3	1	7	3	2	0
P 2	16	3	8	0	6	3	0	0
P 3	3	1	2	1	8	0	1	0
P 4	4	2	2	2	3	2	0	1
P 5	12	1	12	1	4	0	0	1
TOTAL	40	8	27	5	28	8	3	2

#### **PORCENTAGEM DOS DADOS ANALISADOS:**

##### **DIVISÃO POR EIXO:**

- P1 – Ter domínio de conteúdo e gostar do que faz: 12,5%;
- P 2- Estar sempre se aprimorando, renovando, através de cursos de especialização e capacitação, e estar sempre bem informado: 40 %;
- P 3- Instigar, nos alunos, o senso crítico, e estimular o aluno a aprender e a pensar: 7,5%;

- P 4- Ter responsabilidade e competência pedagógica: 10%;
- P 5- Ser facilitador e modelador de conhecimento. Preparar o aluno para as necessidades do mercado de trabalho e para o espírito de equipe valorizando opiniões e formando cidadãos: 30%.

De acordo o quadro de distribuição por eixo, podemos observar que a maior parte dos entrevistados 70% estão centrados nos eixos P 2 e P 5; isso significa que a grande maioria dos educadores estão preocupados com o processo de formação continuada de professores, seja ela por meio de cursos, capacitações, especialização ou até mesmo mantendo-se apenas bem informado. Além dessa apreensão com a formação, há também a preocupação com o aluno na construção e facilitação de sua aprendizagem, em alertá-lo para necessidades do mercado de trabalho, além da formação de cidadãos.

#### **DIVISÃO POR SEXO:**

- De todos os professores entrevistados, 67% são do sexo feminino, 20% do sexo masculino e 13% não informaram.

Segundo o quadro de distribuição por sexo constatamos, que a maior parte dos nossos docentes são do sexo feminino. Como a escolha dos entrevistados foi aleatória, notamos a feminização da profissão; pelo menos, nos níveis da educação infantil ao ensino médio, “elas” correspondem a 67% dos entrevistados.

#### **DIVISÃO POR NÍVES DE ENSINO:**

- Ensino Fundamental: 68%
- Ensino Médio: 20%
- Pré – escola: 7%
- Ensino Polivalente: 5% difícil

Conforme o quadro de distribuição por níveis de ensino, notamos que a maior parte das respostas na nossa análise vem de professores do ensino fundamental que correspondem a quase 70% dos entrevistados.

Assim, através de entrevistas aplicadas a professores do município de Aracaju - SE, este artigo revela em um dos seus objetivos o que os educadores pensam a respeito do que é ser um bom professor. Abaixo, apresentamos algumas das respostas assinaladas pelos professores nas entrevistas. Vale lembrar que dificilmente o docente se descreveria como um bom professor sem que possua competências pedagógicas, conhecimento de sua disciplina de ensino e uma boa didática ao organizar suas aulas.

*É saber o conteúdo e passá-lo de modo claro (Questionário nº 1, sexo F, Ensino Fundamental).*

O professor acima tem toda a razão quando responde que o professor deve dominar conteúdos de sua disciplina e possuir boas metodologias, refletindo de forma crítica sobre a sua prática em sala de aula, identificando problemas de ensino-aprendizagem e os corrigido. Sabemos também que existem professores com um vasto conhecimento sobre diversos assuntos, mas que infelizmente não possuem o talento e a competência de elaborar e dar aulas dinâmicas e atrativas.

*Um bom professor deve estar antenado com os paradigmas da atualidade, e isto se dá através dos processos de formação continuada de professores (Questionário nº 7, sexo M, Ensino Médio).*

Sem dúvida alguma, o professor deve estar em constante atualização, inovando seus métodos didáticos, renovando-se através de cursos de especialização e capacitação. Isto inclui também saber “dialogar” com os novos meios tecnológicos. E já que as crianças fazem isso tão bem, porque não partir dessa curiosidade delas para envolver os conteúdos com as novas tecnologias e buscar formas de construção de conhecimento?

*[...] levar o aluno a pensar, criar, a participar das aulas[...]  
(Questionário nº17, sexo, Ensino Fundamental).*

O bom professor compreende que o aluno não é apenas uma simples máquina de “decoreba”, mas sim um ser pensante. Dessa forma ele não deve dar respostas prontas; entretanto, tem a obrigação incentivar o aluno a ler, pesquisar, criar, duvidar e mover-se em

busca de respostas de situações-problema propostas pelo próprio professor e, a cada descoberta, incentivar o surgimento de novos desafios. Assim, o educador estará ajudando a formar pessoas pesquisadoras, criativas, inovadoras e reflexivas.

*É ter responsabilidade e competência pedagógica (Questionário n° 9, sexo F, Ensino Fundamental).*

O que é ser um profissional responsável? É apenas cumprir horários? Logicamente que não, pois ter responsabilidade profissional vai muito além de cumprir horários. No caso do professor, é ensinar os conteúdos, e muito mais que isso, é ensinar valores que muitas vezes o aluno não aprende em casa, como respeitar as diferenças e a opinião do colega, uma vez que o aluno deve entender o que é viver na pluralidade, e que precisamos uns dos outros sempre. O professor deve ser acima de tudo, ético para que através do exemplo de dignidade o aluno aprenda, em meio às pequenas situações do dia-a-dia, a ser uma pessoa ética também.

*[...] bom professor é aquele que desenvolve no aluno o espírito crítico, e a auto independência, formando com isso profissional para o mercado de trabalho e ao mesmo tempo um ser social, consciente de seu papel (Questionário n°30, sexo M, Ensino Fundamental).*

Ser um bom professor é formar para vida, ensinar que vivemos em um mundo extremamente desigual e que a única forma de mudar esse quadro triste é estudando.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através dessa análise, concluímos que são variáveis as respostas obtidas, nas quais nenhum dos entrevistados fez uma descrição completa a respeito do que é ser um bom professor. Acreditamos que isso aconteceu porque a docência é uma profissão tão complexa que realmente não é simples dar uma resposta completa e perfeita para tal pergunta, já que ser um bom professor hoje não é apenas fazer o aluno aprender os conteúdos. A escola está assumindo uma função que anteriormente era da família: ensinar a criança a ser ética, justa, humana, cooperativa, investigativa, dinâmica, dentre outras qualidades que a sociedade precisa.

Há alguns anos, na educação bancária, o professor era o centro do saber e um profissional extremamente autoritário. Naquele período, ficava fácil definir o que era ser um

“bom professor”; para a época, um “bom professor” era aquele que conseguia dominar os alunos, deixando-os calados e comportados com a “lição decorada”. Hoje é muito diferente, o professor precisa ser amigo, possuir carisma para conquistar os alunos e trabalhar coletivamente com eles.

Procurar reconhecer o valor da profissão de professor é de fundamental importância para sociedade que, por sua vez, deve dar credibilidade, ajudar na valorização do profissional docente. Sem dúvida, a sociedade necessita de profissionais competentes para ajudar no grande desafio que é transformá-la. “Não é com um milagre que vamos mudar a escola. É com trabalho paciente. “Não vai ser fácil, mas essa é a luta que vale a pena.” (CHARLOT, 2003) Já os professores precisam compreender que o conhecimento torna-se um fator diferenciador cada vez mais, o que possuem nunca deve ser considerado suficiente. A formação continuada e as inovações devem ser constantes. Segundo Kullok (2000, p. 43), o conhecimento e o ensino serão decisivos para as pessoas e os grupos no mundo do amanhã. No momento, vemos a via da formação e da educação para a liberação dos homens. Vivemos a passagem da sociedade de “in-formação” para uma sociedade da formação contínua, uma sociedade pedagógica .

Contudo, terminamos a nossa reflexão com a consciência da importância social da educação como possibilidade de desenvolvimento social e coletivo. Assim, problematizar questões relativas à escola e ao professor é algo indispensável para todos, pois cada um é parte da sociedade. Ao lado disso, os professores precisam orgulhar-se pela sua importância, e fazer valer a honra que é educar pessoas dando o seu exemplo de dignidade e ética, pois sabemos que o professor é como um espelho para as crianças, e é ele quem ensina para vida.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:**

CUNHA, Maria Isabel da. *O Bom Professor e sua Prática*. São Paulo: Papirus, 1997.

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, Formação dos professores e Globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

CHARLOT, Bernard. *2º Fórum Mundial de Educação*, Porto Alegre. 2003.

CHARLOT, Bernard. Revista Nova Escola, edição 196. São Paulo: Abril, 2006.

CURRY, Augusto. *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2ª edição, 1975.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. O educador matemático na coletividade de formação. In: TIBALLI, Elandia F. Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (orgs.). *Concepções e práticas em formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PERRENOUD, Philippe. Tradução Cláudia Schilling. *Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Artmed Editora: 2001.

PERRENOUD, Philippe. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Processos multimensionais na formação de professores. In: ARAUJO, Maria Inês Oliveira; OLIVEIRA, Luiz Eduardo (Orgs.). *Desafios da formação de professores para o século XXI: O que deve ser ensinado? O que deve ser aprendido?* São Cristóvão/SE Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2008, p. 185-189.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. *As Exigências da formação do professor na atualidade*. Maceió: EDUFAL, 2000.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi aprimorado, sua 1ª versão foi publicada no livro: A formação dos Docentes pela pesquisa, 2010. Organizadoras, Veleida Anahí da Silva, Divanizia do Nascimento Souza e Ana Maria Freitas Teixeira.

<sup>2</sup> Discente do curso de Pedagogia da UFS e membro do grupo de pesquisa Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais (EDaPECI). E-mail: [hericam1000@hotmail.com](mailto:hericam1000@hotmail.com)

<sup>3</sup> Pedagoga pela Faculdade Pio Décimo e Pós-Graduada no Curso Didática e Metodologia do Ensino Superior. E-mail: [nandamatosn1@yahoo.com.br](mailto:nandamatosn1@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Discente do curso de Pedagogia da UFS e monitora do projeto Formação Permanente: Formação de Professor do Ensino Básico pela Pesquisa e Fabrico de Novas Tecnologias Didáticas e Pedagógicas (acerca da Matemática e das Ciências Naturais), coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Veleida Anahi da Silva. E-mail: [susanne.reikdal@gmail.com](mailto:susanne.reikdal@gmail.com)